

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E COORDENAÇÃO
FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE
DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Geografia e Questão Ambiental

Olindina Vianna Mesquita
Solange Tietzmann Silva
(coordenadoras)

Rio de Janeiro
1993

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Av Franklin Roosevelt, 166 - Centro 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ Brasil

ISBN 85 240 0464 9

© IBGE

EQUIPE TÉCNICA

A elaboração da pesquisa foi coordenada pelo Departamento de Geografia DEGEO/DGC

Coordenação

Olíndina Vianna Mesquita
Solange Tietzmann Silva

Supervisão

Cesar Ajara

Autores

Adma Hamam de Figueiredo
Cesar Ajara
Dora Rodrigues Hees
Fany Davidovich
Helena Maria Mesquita Balassiano
João Baptista Ferreira de Mello
Maria Luisa Gomes Castello Branco
Maria Mônica V C O'Neill
Miguel Angelo Campos Ribeiro
Olíndina Vianna Mesquita
Roberto Lobato Corrêa
Roberto Schmidt de Almeida
Solange Tietzmann Silva

Equipe de Apoio

Jana Maria Cruz
Paulo Afonso Melo da Silva
Regina Célia Silva Alonso
Sergio Medeiros de Lavor

EQUIPE EDITORIAL

Publicação editorada e elaborada pelo Sistema de Editoração na Divisão de Editoração/Departamento de Editoração e Gráfica DEDIT/CDDI

Estruturação Editorial

Ceni Maria de Paula de Souza
Oscar Ribeiro Rodrigues

Copidesque

Solange Gomes de Souza
Wilton de Almeida Tavares

Revisão

Cristina Carlos de Carvalho Pinho
Iaracy Prazeres Gomes
Katia Domingos Vieira
Umberto Patrasso Filho

Edição

Elizabeth Cruz da Silva
Maurício Alves da Silva
Olevim Dias Filho
Vanda Ribeiro dos Anjos

Diagramação

Luiz Carlos Chagas Teixeira

IMPRESSÃO

Divisão de Gráfica/Departamento de Editoração e Gráfica DEDIT/CDDI em novembro de 1993 OS 03 03 1 0308/93

CAPA

Fernando Portugal Fraga Divisão de Promoção/Departamento de Promoção e Comercialização DECOP/CDDI

Geografia e questão ambiental / Olíndina Vianna Mesquita Solange Tietzmann Silva (coordenadoras) - Rio de Janeiro : IBGE Departamento de Geografia 1993

166 p

ISBN 85 240-0464 9

1 Geografia humana Brasil 2 Desenvolvimento econômico Aspectos ambientais. 3 Meio ambiente Brasil I. Mesquita Olíndina Vianna II Silva Solange Tietzmann III IBGE Departamento de Geografia

IBGE CDDI Dep de Documentação e Biblioteca RJ IBGE/93 14 CDU 911 3(81)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

A Humanização da Natureza - Uma Odisséia para a (re)Conquista do Paraíso*

João Baptista Ferreira de Mello**

Considerações Iniciais

A natureza transformada tem recebido nomenclaturas, definições e análises diversas de positivistas (meio ambiente artificial), marxistas (segunda natureza) e humanísticos (versão humanizada da natureza)¹ Para os gregos pré-socráticos a natureza é a totalidade ou o todo envolvendo "os céus acima, a terra abaixo e as águas sobre a terra"² A raça humana, buscando alimento, proteção e conforto, tem se esmerado - por necessidade vital - em preparar, consumir e metamorfosear as dádivas da mãe-natureza. Suas conquistas, alcançadas ao longo de milênios, são revestidas de vitórias, dissabores, sentimentos, conflitos, mitos e esplendores

O homem cria a sua fabulosa versão da natureza recorrendo aos mais variados elementos,

bens e frutos oferecidos pelo meio ambiente. Tal proeza exige trabalho, arte, empenho e inteligência. A tarefa, como se sabe, difícil de ser realizada, é conduzida de maneira admirável, fazendo com que os limites entre os ambientes natural e humanizado, por vezes, se confundam.

A geografia humanística, preocupada com a morada do homem, em qualquer escala, tem procurado, de alguma maneira, explorar a influência da natureza e, muito insistentemente, enfocar as intervenções humanas no espaço em sua busca incessante da felicidade e da promoção da "boa vida". Este conceito originalmente trabalhado pelos filósofos existencialistas foi ampliado pelo pensador Yi-Fu Tuan em sua belíssima obra *The Good Life*. Geógrafo chinês, radicado nos Estados Unidos, Dr. Tuan abandonou propositadamente o lado sombrio das relações humanas com o meio ambiente. Como o

* Dedicado ao geógrafo Miguel Angelo Campos Ribeiro do Departamento de Geografia da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (DEGEO/IBGE) por sua atenção e insistência para que eu escrevesse um texto sobre o meio ambiente utilizando os princípios de humanismo em Geografia.

** Analista Especializado em Geografia do DEGEO/IBGE.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao geógrafo Roberto Lobato Corrêa (IBGE/UFRJ) pela leitura do texto e suas valiosas considerações. Não posso deixar de registrar o meu orgulho pelo privilégio de poder recorrer a este profissional que ocupa por seu conhecimento e sensibilidade uma posição singular no seio da comunidade geográfica do País. Os agradecimentos são extensivos às geógrafas Eliane Ribeiro da Silva, Fany Davidovich e Maria Luisa Gomes Castello Branco. Em conversas informais no Departamento de Geografia do IBGE (DEGEO), as geógrafas argumentaram, muito acertadamente - embora sem acesso aos manuscritos do ensaio -, que o título provisório "A Humanização da Natureza - uma Odisséia para a Promoção da Boa Vida" poderia gerar críticas e polêmicas imediatas. No Brasil a expressão "boa vida" possui como vários outros termos uma conotação pejorativa de aversão ao trabalho ou desprovida de escrúpulos para o alcance dos objetivos e, por outro lado, denota lapsos ou prolongamentos de uma existência repleta de realizações e bem estar sentido este seguido e incorporado no presente estudo.

¹ Respectivamente Milton Santos, 1988 p. 64 citando Sauer; Corrêa 1986 p. 54 e Tuan 1986 p. 6.

² Tuan 1980 p. 152 lembrando os gregos pré-socráticos e citando C. S. Lewis.

humanismo em geografia é uma corrente holística, não interessada em focalizar tão somente o meio ambiente esculpido pelo homem, afloram no presente artigo não apenas questões pertinentes às alegrias e celebrações, como igualmente às amarguras, lutas e lendas ocorridas no levantamento e manutenção do meio ambiente

Em realidade, a meta da orientação humanística é tentar "especificamente entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana"³ A geografia humanística "não nega as perspectivas científicas sobre o homem; trabalha sobre elas"⁴, o que não impede os seus pronunciamentos críticos e radicais dirigidos principalmente ao positivismo que "omite as questões da vida"⁵ e fala de um mundo habitado por homens contados aos montes, como gado⁶

No âmbito da vertente humanística, espaço e lugar são distintos O espaço é amplo, desconhecido, temido e rejeitado O lugar, recortado afetivamente, onde as pessoas se sentem seguras e à vontade, emerge nas experiências cotidianas, nos locais de moradia, trabalho, compras, lazer e encontros⁷ Para o humanismo em geografia, na simbiótica relação entre homens e meio ambiente, lugares devem ser considerados como pessoas e pessoas como lugares⁸. Por conseguinte, para esta escola do pensamento - surgida nos anos 70 e apoiada nas filosofias do significado - cada ser humano é um geógrafo informal, pois é o homem que cria, atua e vive no espaço, estando portanto capacitado para discorrer sobre o seu mundo vivido, pleno de mistérios, entendimentos, significados, devaneios, premências, rejeições, fantasias, satisfações e reminiscências

O presente texto, procurando abordar uma expressiva gama de fenômenos, evidencia, além de alguns aspectos da natureza, as diferentes etapas do meio ambiente Um primeiro segmento discorre sobre os "universos lunares, solares e chuvosos" Os posteriores (campos agrícolas, reflorestamentos, parques e jardins - recriando a criação; aterros, subterrâneos, túneis e represas: a profanação da natureza e "shopping center - a utópica natureza pós moderna?") são dedicados às obras trabalhadas pelo homem

Universos Lunares, Solares e Chuvosos

O dia e a noite são antagônicos (e complementares) O Senhor é luz, diz o texto sagrado O sol, resplandecente, transmite vida e inspira confiança Em contrapartida, as trevas, dominadas pelas forças do mal, serão herdadas pelos impuros

Para fugir dos horrores da escuridão da noite e desenvolver suas atividades, o homem tem procurado alumiar o ambiente noturno com clarezas produzidos por substâncias gordurosas e combustíveis, como lamparinas e velas e, numa tentativa de copiar a luz natural, recorrido a fontes tecnologicamente avançadas como a energia elétrica, o gás neon e o mercúrio Esses recursos, no entanto, ofuscam o brilho das estrelas, principalmente em áreas poluídas ou intensamente iluminadas A noite, portanto, não se resume a fantasmas, padecimentos e receios Quem vive em regiões de população rarefeita ou em imensos descampados saboreia, em noites de céu límpido, um refulgente aglomerado de estrelas Alguns desses contrastes, entre o descortinamento da abóbada celeste no campo e na cidade, estão assentados em um dos ensaios da geógrafa Anne Buttimer⁹ graças ao sensível relato de uma migrante apalachiana: " gosto de lembrar os dias em que vivemos no vale e nem Jack e nem eu importávamo-nos em saber as horas () Havia o sol, naturalmente; a hora do sol era suficiente para nós Aqui, nunca vemos o sol Pergunto a mim mesma: o que aconteceu com o sol e a lua? Posso caminhar durante semanas e jamais ver qualquer sinal de lua, e as estrelas estão sempre atrás de alguma nuvem E o sol não brilha dentro de nossas janelas; parece que estamos no ângulo errado. Minha garotinha ouve-me queixar, porém realmente ela não sabe do que estou falando Tinha dois anos quando saímos de casa, e ela não se lembra daquelas noites com estrelas tão baixas que você podia estender uma xícara e enchê-la com elas, diria minha mãe, e a lua empoleirava-se sobre uma árvore, sorrindo para você E pela manhã, você repentinamente ouvia os pássaros começarem a cantar e você sabia que estavam gritando o seu alô ao sol, que estava tentando chegar do seu território - da China, não é? Isso é o que o nosso professor dizia, que à noite o sol estava

³ Tuan 1985 p 146

⁴ Tuan 1985 p 144

⁵ Relph 1979 e 1981

⁶ Mello 1990 p 93

⁷ Mello 1990 p 102

⁸ Pocock 1981 p 337

⁹ Buttimer apud Coles Robert, 1985 p 187

na China () Se tivesse de dizer uma coisa do que mais acho falta, seria o nascer do sol E a segunda, seria o pôr do sol Eu vejo porque todo mundo aqui tem de ter um relógio por perto De outro forma, eles jamais saberiam se está claro ou escuro nas ruas”

Os habitantes do campo e os indivíduos de sociedades ágrafas sabem distinguir o tempo pre- vendo chuvas, vendavais e tempestades Os autóctones aventuraram-se por terras e mares, tendo como guia o posicionamento de astros e estrelas O homem urbano (comum), ao contrário, aprende algumas noções Sabe que o sol nasce no leste - ao meio-dia está justo sobre a sua cabeça - e se põe no oeste Conhece esta ou aquela estrela e, baseado nas crenças populares, recorre ao calendário para avaliar o possível sucesso de um novo tipo de regime alimentar ou a época propícia ao corte de cabelo, de acordo com o ciclo lunar Pessoas de sistemas sociais comunitários e estratificados acreditam que são microcosmos, e por isso mesmo a lua e os astros interferem em seus destinos e nas mudanças climáticas

Os fenômenos da natureza, como a chuva que abranda as temperaturas, ajuda a germinar a semente e torna as plantas mais exuberantes, são bem-vindos Mas o excesso prejudica o desenrolar da dinâmica da vida As chuvas torrenciais destroem as plantações nas áreas rurais e, no espaço urbano, atrapalham o corre-corre diário e o leque diversificado de suas funções, quando não causam danos irreparáveis Na ausência de explicações para a violência da natureza, o povo prefere, em diversas oportunidades, decifrar o enigma apelando para razões sobrenaturais Em meados da década de 60, quando o Rio de Janeiro foi assolado, em dois verões consecutivos, por grandes tempestades, a população carioca julgou que a retirada do feriado de São Sebastião, padroeiro da cidade, provocara a sua ira. Entretanto, mesmo com o retorno oficial do feriado do dia 20 de janeiro, as chuvas dos primeiros meses do ano, por vezes amedrontadoras, continuam a ocorrer em um ou outro verão carioca, caracterizado por dias muito quentes e ensolarados

Campos Agrícolas, Reflorestamentos, Parques e Jardins - Recriando a Criação

A arte do cultivo da terra tem sido uma das principais atividades desenvolvidas pelo ho-

mem, seja através da exploração primitiva dos solos, seja por intermédio dos métodos empregados na agricultura moderna Base da riqueza das nações, o excedente agrário permitiu o florescimento das primeiras cidades e, ainda hoje, a despeito de sua opulência, o espaço urbano depende da produção rural Além desses aspectos, o homem citadino busca, também, nas paisagens rurais (e silvestres) fontes de inspiração para viver a “boa vida”, em um ambiente próximo (ou cópia) da natureza espontânea

A maior floresta urbana do mundo, replanta da a partir de 1861, por um período de quase três décadas, domina algumas porções montanhosas da cidade do Rio de Janeiro, em uma área anteriormente ocupada pela Mata Atlântica. O reflorestamento, realizado por um pequeno grupo de escravos, obedeceu às ordens assinadas pelo Imperador D Pedro II atento à devastação causada pelas antigas plantações cafezeiras O replantio de cerca de cem mil mudas de espécimes nativos - vencendo as agressões ao meio ambiente - procurava não apenas recompor a exuberância florestal, como afastar o perigo da falta de água para a população carioca Quase um século depois, em 1943, a Floresta da Tijuca recebeu um novo reflorestamento conservando sua aura ao apresentar uma gama de atrações muito ampla, onde pode ser sorvido o néctar da “boa vida”, catalisado através de seu verde radiante, o frescor de temperaturas amenas, além de cascatas e grutas Integrante do circuito turístico e freqüentada como área para piqueniques, caminhadas e passeios, este (ou tro) oásis da “Cidade Maravilhosa” - tombado como Patrimônio Histórico da Humanidade possui *status* de Reserva Mundial da Biosfera, título este conferido pela UNESCO¹⁰

Os parques urbanos, flancos qualitativos onde podem ser desfrutados momentos especiais e de contemplação, estabelecem uma outra alternativa do homem para atenuar os impactos à degradação ambiental

Um primoroso manto verde incrustado na periferia da área central do Rio de Janeiro, popularmente consagrado como Campo de Santana, está catalogado nos anais de diversos acontecimentos relevantes do País Em sua galeria de fatos notáveis, após a chegada dos brancos ao continente, consta que, de campo para pasto, passou a ser - como propriedade herdada por escravos - depósito de lixo e esgoto, obtendo tratamento urbanístico no início do Século XIX. Em 1880, com um novo plano de ajardinamen-

¹⁰ Sobre o “Aterro do Flamengo” ver entre outros o Rio de Janeiro e suas Praças 1988

to, espelhado nos moldes ingleses, o Campo de Santana tornou-se um parque construído acima do nível das ruas que o circundam, ostentando uma pompa magnífica ornada com alamedas, lagos, cavernas artificiais, variados tipos de árvores e gramíneas, além de animais, como cotias, cisnes e pavões¹¹. Palco imponente das cerimônias festivas do casamento do Príncipe Dom Pedro e Dona Maria Leopoldina (em 1818), o espaço em questão serviu também (ironicamente), em 1889, como plataforma para o brado da Proclamação da República. Em 1942 a área verde em destaque cedeu uma parte de seu terreno para a construção de um monumento suntuoso: a Avenida Presidente Vargas, com suas pistas largas. Todavia, os seus atalhos e notadamente o seu interior estão a salvo do barulho ensurdecedor e do fantástico movimento de veículos que transitam em suas redondezas. Protegido por grades e portões de ferro, o uso do Campo de Santana se restringe ao horário diurno e às primeiras horas da noite, evitando, assim, segundo os administradores públicos, que o local se transforme em antro noturno de vadios, mendigos e assaltantes.

Os parques, jardins e sobretudo os edifícios levantados hodiernamente costumam merecer, em sua maioria, a mesma atenção devotada aos seus antecessores? Os arquitetos, planejadores e paisagistas permanecem deslumbrando os povos com os cuidados e desenhos dispensados aos prédios e áreas verdes. Contudo, algumas paisagens, até mesmo aquelas que podem ser intituladas como ultramodernas, parecem obedecer a um padrão estandardizado. A essas paisagens monótonas, "xerocopiadas", com repetição de seqüências, o geógrafo Relph¹² conceituou, em sua tese de doutoramento, como *placelessness*, neologismo que, em português, talvez possa ser mais bem compreendido como "deslugar".

Com referência aos parques e jardins, os especialistas tentam converter, com capricho, para o bem-estar das populações, a exuberância da natureza. No entanto, como lembra Mello¹³ "os planejadores fechados em seus gabinetes parecem ignorar detalhes mínimos enfrentados pelo povo em sua vida cotidiana. O traçado dos caminhos nos parques e jardins é riscado sem consulta aos populares. Assim, nos desafios do dia a dia o povo não obedece aos caminhos aprontados pelas políticas públicas, passando a redesenhar as tri-

lhas em diagonal - ou veredas ligeiramente tortas - com os próprios pés. Uma maneira simples, eficiente e cômoda de cortar caminho, para chegar mais rápido ao seu destino".

Quanto a outras características e adaptações das maravilhas do campo ao espaço urbano, pode-se lembrar que os subúrbios americanos e os bairros-jardins persistem, com êxito, em conectar o esplendor do verde à grandeza da cidade. O cinema tem sido pródigo em mostrar a platéias embevecidas as vantagens locais e aprazíveis dos subúrbios americanos, edens preenchidos por mansões com dois ambientes, sem muros, cercadas de canteiros e jardins. Nos países desenvolvidos, como os Estados Unidos, as pessoas de alto poder aquisitivo residem em bairros afastados da confusão e do ar poluído do centro de negócios e, ao mesmo tempo, próximas (de automóvel) da abundância de bens e serviços oferecidos nos espaços urbanos. Nos países do Terceiro Mundo onde os custos para a implantação dos melhoramentos urbanísticos e a irradiação das amenidades se tornam extremamente dispendiosos, as elites e alguns segmentos da classe média procuram, da mesma forma, habitar em redomas de verde, como os bairros-jardins (ou em condomínios fechados, nas encostas das serras ou ainda à beira-mar).

Aterros, Subterrâneos, Túneis e Represas: A Profanação da Natureza

O saber geográfico tem procurado elucidar as questões referentes à sagração e profanação dos lugares. Assim, aproveitando a idéia expressa pela tradição judaico-cristã, o humanismo em geografia lembra que todo e qualquer lugar, em razão da onipresença do Senhor, é sagrado¹⁴. Todavia, a temática a ser abordada nesta parte do texto diz respeito à profanação da natureza.

Por que (e para que) o homem constrói aterros, subterrâneos, túneis e represas? A resposta, seguindo a trilha do pensamento aqui traçado, é simples: para viver a "boa vida". Em contrapartida, o que diriam os povos das chamadas sociedades tradicionais - como índios brasileiros, pigmeus africanos e aborígenes australianos - acostumados a operar pequenos impactos e a viver em comunhão com a natureza?

O local das grandes metamorfoses é, por excelência, a cidade, um monumento suntuoso

¹¹ O Rio de Janeiro e suas Praças (1988) p. 20

¹² Tese de doutoramento em geografia de Relph Edward publicada em livro no ano de 1976

¹³ Mello 1990 p. 98

¹⁴ Com respeito à sagração dos lugares as consultas podem ser feitas entre outros a Tuan 1978 Mello 1990 p. 107 e Mello 1991 p. 199

produzido pelo homem, onde se pode viver a "boa vida", em função da pluralidade dos recursos disponíveis. Entretanto, esta jóia majestosa, eternamente burilada, perpetua-se em meio a constantes reparos. Na realidade, o espaço rural também sofre mudanças, mas as ações predatórias/restauradoras de maior relevância ocorrem no espaço urbano tais como desmontes e aterros, algumas das grandes insígnias do homem no espaço. Nesse sentido, o caso do Rio de Janeiro é notório. A cidade, fundada no Século XVI, junto aos morros Cara de Cão e Pão-de-Açúcar, foi, pouco tempo depois, transferida para o morro do Castelo. Mas a presença de vários acidentes geográficos - como morros, brejos, mangues, lagos, rios e o próprio mar - impedia o seu espraiamento. Por conseguinte, o homem passou a empreender diferentes retoques urbanísticos para tornar a cidade saudável, aprazível e funcional, logo, humanizada.

O "Aterro do Flamengo" - assim popularmente chamado - é um dos exemplos mais significativos do processo de embelezamento e expansão que a paisagem carioca tem recebido ao longo de sua existência. Situado entre a baía de Guanabara, cercanias da área central e Zona Sul da "Cidade Maravilhosa", o "maior parque urbano do mundo" abriga, junto a um concorrido balneário e sobre uma extensa faixa ajardinada além de diversos monumentos, clubes náuticos, restaurantes, museus de artes e militares, quadras e campos esportivos -, também vias que servem como escoadouro do tráfego de veículos. Os primeiros aterros em seu perímetro foram executados entre 1779 e 1783 com o arrasamento do morro das Mangueiras, resultando na extinção da infectada lagoa de Boqueirão. Outros pequenos aterros foram realizados sob a responsabilidade dos moradores locais com autorização e, por vezes, ressarcimento da Câmara Municipal. Em 1919, na antevéspera da exposição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, o "Aterro" teve as suas dimensões acentuadamente ampliadas. Para a concretização de tal objetivo, o morro do Castelo - "berço da cidade" - foi arrasado e seus edifícios históricos, entre eles a antiga Catedral, bem como vários prédios residenciais, destruídos. Seu entulho continha um volume de tal monta que serviu igualmente para aterrar parte da orla marítima do bairro da Urca e o sopé do morro do Pão-de-Açúcar. Uma outra etapa de alargamento do Parque Brigadeiro Eduardo Gomes - seu nome oficial - data de 1954 com a demolição do morro de Santo Antônio, outra

elevação que obstruía o espraiamento do centro da cidade¹⁵.

Ao longo de sua existência o "Parque do Flamengo" tem servido de arena para vários eventos. Mesmo antes de sua inauguração sediou, em 1955, com altar projetado pelo urbanista Lúcio Costa, as solenidades litúrgicas do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Nas últimas décadas, o "Aterro" experiencia, nos dias úteis, manifestações importantes por ser um centro e local de passagem, repouso, diversão, cultura e trabalho. Aos domingos, com o trânsito correndo tão-somente nas pistas situadas junto ao paredão de edifícios do bairro do Flamengo, o "Aterro" cumpre as funções pertinentes a um parque, ao ser transformado em um grande *playground* para recreação de adultos e crianças.

No que concerne aos subterrâneos, o metropolitano - sistema de viação que desliza sobre trilhos no subsolo de algumas das grandes cidades do planeta - salienta uma outra faceta laboriosa e desafiante do homem como transformador da natureza.

A maioria dos metrô - construídos para desafogar o trânsito de superfície - exerce um fascínio notável, não apenas por sua própria concepção, como pela grandiosidade ou mistérios que encerram. O *underground* de Londres causa espanto por ter sido aberto no século passado e por servir aos mais diversos recantos da capital inglesa. O metrô de Moscou é reconhecidamente uma relíquia que ostenta desenhos, vitrais e pinturas como uma galeria de arte subterrânea. O *subway* de Nova Iorque é famoso por mesclar, à sua eficiência, perigo e violência. O metrô de São Paulo facilita a vida dos paulistanos estabelecendo ligações nos sentidos norte-sul-leste-oeste da maior cidade da América do Sul. O caso do metropolitano do Rio de Janeiro é igualmente admirável. Como grande parte do seu eixo primaz serve à área central, os meandros e transtornos para sua execução foram enormes.

A estação Carioca do metrô do Rio de Janeiro, uma das mais imponentes e de movimento mais intenso do *core* da cidade, funciona como amostra em relação aos obstáculos vencidos durante a perfuração dos caminhos subterrâneos na ex-capital do País. O famoso Largo da Carioca - erigido em sítio onde anteriormente havia uma lagoa - enfrentou, durante séculos, várias ondas de aterros, ampliações e processos de

¹⁵ Abreu 1987 e O Rio de Janeiro e suas Praças (1988) p. 40-47

ajardinamentos, culminando, recentemente, nos anos 70, com a inauguração da referida estação subterrânea. Por isso mesmo a população da cidade, colocando em dúvida a conclusão da obra, comentava que aqueles grandes buracos espalhados pela cidade poderiam sucumbir, a qualquer instante, com os temporais que castigam o espaço urbano carioca, notadamente no verão. Na época, enquanto os pedestres procuravam evitar o mar de lama e nuvens de poeira equilibrando-se entre os tapumes protetores e as tábuas utilizadas como passarelas - as unidades comerciais e de serviços situadas nos logradouros atingidos ficaram sujeitas aos tormentos da queda vertiginosa de seus negócios. Todavia, a finalização da linha 1 do metrô contemplou o Rio de Janeiro com uma raridade repleta de encantos e serventia capaz de reverter a conduta do carioca. A esta obra monumental o povo tem dispensado um tratamento absolutamente distinto e (até mesmo) paradoxal. Nas estações do metrô, munidas de sistema de ventilação e ar condicionado, com forte luminosidade, conforto, segurança e escadas rolantes, entre outros atributos, persistem as regras da educação ocidental. Os usuários, solícitos, falam baixo, não fumam ou jogam qualquer espécie de lixo no chão, as paredes de mármore ou concreto continuam imaculadas, sem pichações, e os assaltos ou suicídios são raríssimos (e, por vezes, encobertos). Em contraponto, na parte superior das estações do metropolitano - o solo artificial ou laje, que separa dois mundos absolutamente opostos - pulsa um cenário com uma mixórdia de acontecimentos comuns, incongruentes e inusitados.

Na superfície, no Largo da Carioca propriamente dito, assomam as mazelas de uma metrópolis como Calcutá ou Bombaim, modelo que algumas metrópoles brasileiras teimam em seguir desde o início dos anos 80, com o recrudescimento da crise econômica brasileira. Nesse imenso palco aberto atuam como protagonistas e coadjuvantes, na coreografia do dia-a-dia, transeuntes dos mais diversos grupos sociais e faixas etárias, que assim podem apreciar a sole e aparatosa arquitetura do Convento de Santo Antônio, ou o luxo dos modernos edifícios, com mais de 30 pavimentos, que margeiam o logradouro. Ao mesmo tempo, os atores do teatro da vida, enquanto ouvem os ecos dos trovadores e instrumentistas de rua, tentam não tropeçar nos tabuleiros dos camelôs espalhados por todos os lados. Nesse quadro multifacetado o desconforto e o pavor surgem frente às mais variadas e deprimentes manifestações da degradação humana. O espaço coletivo em

tela, freqüentemente utilizado pela população sem teto, como dormitório, é outrossim ponto de hordas de meninos e meninas de rua que, carcomidos pela fome e o abandono, a todo instante, mendigam, cheiram cola de sapato ou preparam alguma investida para roubar um pedestre qualquer.

Os túneis constituem outro grande sinal dos esforços do homem em modificar a natureza para viver a "boa vida". Esses caminhos subterrâneos - muito embora vençam obstáculos, tais como morros e montanhas, permitindo o fluxo mais rápido de veículos - carregam, sobretudo no espaço intra urbano, um rastro de dor e desolação coetâneo aos períodos de suas construções. A propósito, um exemplo muito rico diz respeito ao bairro do Catumbi, localizado entre a periferia da área central e a Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, que padeceu sobremaneira com as obras para o aprontamento dos túneis Santa Bárbara (conectando Catumbi ao bairro das Laranjeiras, na Zona Sul da cidade) e Prefeito Martins Vaz, interligando as Ruas Frei Caneca e Henrique Valadares.

Desde 1927, quando da elaboração do Plano Agache, os proprietários de estabelecimentos comerciais ou industriais e as pessoas domiciliares em casas e cortiços do bairro do Catumbi suportaram, com temor e descrença, os constantes rumores e noticiário da imprensa, a respeito da desapropriação de seus imóveis. Mas somente no início dos anos 60, durante a gestão do Governador Carlos Lacerda, as obras relativas à abertura do túnel Santa Bárbara foram realmente efetivadas. Diversos imóveis, logradouros e a capela de Nossa Senhora da Conceição foram lentamente e dolorosamente atingidos, mutilados ou, para usar a consagrada expressão popular, "riscados do mapa", para agilizar a entrega ao tráfego, em 1963, do túnel "Catumbi Laranjeiras" e ainda para a perfuração das galerias pluviais, tendo em vista que o bairro, rodeado de morros (Santa Teresa, Coroa, Querosene, Catumbi, Mi-neira), era transformado, em dias de chuvas torrenciais, em uma "grande bacia hidrográfica", com suas ruas formando "calhas" ou "caudalosos rios" de água barrenta, repleta de lixo que rola va das encostas dos morros e favelas.

No transcurso da década de 70 o bairro do Catumbi amargou um novo ciclo de arrasamento de vários quarteirões que, afora a inauguração do túnel Prefeito Martins Vaz, em 1977, permitiu a edificação de vias expressas. Como de hábito, no conjunto da reorganização do espaço promovido pelas políticas públicas, os proprietários de estabelecimentos comerciais e

prédios residenciais do bairro foram contemplados com indenizações irrisórias, restando aos inquilinos, além da amargura do despejo, as lembranças do antigo universo vivido

A transformação espacial assistida pelo Catumbi, com a abertura de túneis, entre outras grandes obras, não rompeu de todo com os laços de amizade trançados ao longo de várias gerações de representantes das colônias portuguesa, espanhola, italiana e ciganos sedentários estabelecidos no local. A reurbanização trouxe os laços de concreto (viadutos/vias expressas) para o fluxo do trânsito, nesse espaço não totalmente reestruturado em razão da luta dos comerciantes, padres e populares unidos em torno da Associação de Moradores do Catumbi. Nos dias de hoje, longe dos tempos do canto emocionado e triste das suas grandes procissões e a alegria/descontração dos famosos carnavais de outrora, permanecem cristalizados lado a lado o "antigo" e o "novo" na paisagem do Catumbi, diante das marcas do conflito Estado X Comunidade de bairro, através de casas e prédios humildes contrastando com um emaranhado de laços de concreto

Obras faraônicas como aterros, subterrâneos e túneis são geralmente encontradas nas cidades. Todavia, as represas, uma das megaintervenções do homem na natureza e, como se sabe, consumidoras de muito espaço são, via de regra, erigidas fora do perímetro urbano. Instrumentos de alento para o sofrimento dos povos, as represas viabilizam a irrigação dos solos, armazenam e fornecem água e energia elétrica para as populações circunvizinhas e, entre outros aspectos, corrigem - de acordo com as necessidades humanas - o curso dos rios e os regimes de queda-d'água, facilitando, assim, o desenvolvimento dos meios de transportes lacustre/fluvial.

A cidade - plural, heterogênea, polifórmica e (in)completa - é o artefato mais pujante e complexo talhado pelo homem. Mas, como produto singular, as represas impressionam pelo gigantismo. Com sua habilidade o ser humano tem sido capaz de domar parte da natureza, construindo, para o seu proveito, um objeto que, por vezes, transcende o tamanho de cidades, principados e mesmo alguns países

A represa de Sobradinho, construída em meados dos anos 70, no Estado da Bahia, região Nordeste do Brasil, ganhou maior notoriedade com o sucesso nacional da música *Sobradinho* (1978), escrita a quatro mãos por Luis Carlos

Sá e Gutemberg Guarabira. Seus versos melódicos começam narrando: "O homem chega e já desfaz a natureza/tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar/o São Francisco, lá pra cima da Bahia/diz que dia menos dia vai subir bem devagar/e passo a passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia/que o sertão ia alagar/o sertão vai virar mar, dá no coração/o medo que algum dia o mar também vire sertão "

O reservatório de Sobradinho aparece com destaque no mapa de um País de dimensões continentais como o Brasil. Contudo, para o homem construir um utensílio dessa magnitude - apontando o seu fantástico estágio tecnológico - desfaz parte da natureza e arranca o povo de seu lugar vivido

O rio São Francisco nasce no Estado de Minas Gerais e, como uma bênção, atravessa o sertão semi-árido, banhando alguns estados da Região Nordeste como Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. "Lá pra cima da Bahia", quer dizer no norte do estado, teve o seu curso alterado para que à estagnada situação do vale, de atividade econômica tradicionalmente pautada na pecuária extensiva, pudessem ser incorporadas as técnicas de irrigação para lavoura e a atividade pesqueira no lago de Sobradinho¹⁶. Mas as mutações drásticas operadas na natureza são acompanhadas de presságios aterrorizantes: "o sertão vai virar mar, dá no coração/o medo que algum dia o mar também vire sertão". Assim, crendices, surpresas, temores e dúvidas misturam-se aos vaticínios de alguma vingança irreversível da natureza

Na segunda parte do contundente discurso melódico a famosa dupla de cantores/compositores Sá e Guarabira saúda os lugares atingidos com versos tecidos de nostalgia e (repetidos) receios: "adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé/adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir/debaixo d'água lá se vai a vida inteira/por cima da cachoeira o gaiola vai subir/vai ter barragem no salto do Sobradinho/e o povo vai se embora com medo de se afogar/o sertão vai virar mar, dá no coração/o medo que algum dia o mar também vire sertão"

Para a concretização da "barragem no salto do Sobradinho" municípios como "Remanso, Casa Nova, Sento Sé (e) Pilão Arcado" cederam porções de seus territórios, tendo suas populações sido transferidas para locais prévia e monotonamente edificadas, segundo as normas ditadas pelos dirigentes e planejadores gover-

¹⁶ Oliveira (inédito)

namentais “ Debaixo d’água lá se vai a vida inteira .” transformada com o “progresso” em inquietações e lembranças. Todavia, ao lado da crueldade do desalojamento das pessoas da mística do antigo universo vivido, resta ainda, juntamente com a saudade, o consolo de continuar navegando nas águas do “Velho Chico” (o carinhoso apelido do rio) em embarcações como “ o gaiola ” e usufruir do potencial e fartura oferecidos pela represa de Sobradinho, com vistas à prosperidade e à “boa vida”

Shopping Center - A Utópica Natureza Pós-moderna?

Os *shopping centers* seriam o coroamento do patamar mais radical e sofisticado da natureza (re)elaborada pelo homem? As chamadas “catedrais do consumo”, somatório de vários aspectos, associam elementos do projeto utópico sonhado por Thomas Morus (1480-1535) e a parafernália da pós-modernidade

Nas fantasias extraordinárias de Morus os habitantes dos lugares utópicos vivem em casas cobertas por um telhado resistente ao mau tempo e dotadas de janelas envidraçadas contrapostas à ação da corrente de ar¹⁷. As ruas e praças - amplas, higiênicas e ajardinadas - comporiam (de maneira resumida) o emolduramento desses magníficos recantos paradisíacos

A pós-modernidade, por outro lado, é uma temática que tem acirrado discussões acaloradas no âmbito das ciências sociais e das filosofias. Enquanto alguns estudiosos se debruçam com afinco sobre o assunto, outros pensadores entendem o pós-moderno como uma tolice estéril, consequência de um modismo pedante

A mídia, vez por outra, transmite, para o grande público, as idéias de alguns especialistas de que a modernidade começou com a chegada de Colombo à América em 1492. Os primeiros passos do homem na lua não poderiam ser, então, o marco de um novo tempo? Para o antropólogo Jair Ferreira dos Santos, um dos filósofos de pós-moderno, as mudanças do pós-guerra demarcaram uma nova era. Geógrafos como David Harvey opinam que o exórdio da pós-modernidade se deu com a implosão de um prédio, símbolo da arquitetura moderna, ocorrida em 1972¹⁸

À guisa de ilustração, vale recordar que, em suas premissas evolucionistas, Lewis Henry Morgan (1818-1881), “pai da antropologia americana”, arrola algumas das grandes fases culturais do homem partindo da etapa anterior à dieta do peixe e o acesso ao fogo e à fala até a civilização, com o advento do alfabeto¹⁹. Hodiername, a complexidade e a heterogeneidade dos bens e serviços são - não há como negar - altamente seletivas. Mas, no conjunto das inovações, o *laser*, a “maquininha” das instituições bancárias (com sistema *on line*), o microcomputador, o fax, o telex, as transmissões radiofônicas e televisivas via satélite, a antena parabólica, a liberdade de ação, os novos costumes e experiências, para citar apenas alguns exemplos, trazem benefícios à população mundial, como podem ser reconhecidos nos serviços prestados pela medicina e nos momentos de lazer

Os *shopping centers* - construídos em consonância com os ditames estadunidenses - “sub-centros fechados e de luxo”, ou como quer que sejam rotulados, não devem ser confundidos (a ressalva é importante) com as galerias comerciais. Enclaves glamorosos e das maravilhas, onde os passantes são belos ou assim se fazem, por suas roupas e ainda pela conduta, esses “rincões da pós-modernidade”, como nos lindos sonhos de fadas, reproduzem paraísos encantados, os quais oferecem para os seus “eleitos” comodidade, música, pequenos lagos e canteiros, iluminação feérica, comércio e serviços refinados, além de proteção contra a violência, a poluição, as intempéries e a pobreza ou miséria do mundo “exterior”²⁰

Epílogo

Com “o suor do teu rosto comerás o teu pão” (Gênesis, 3,19) disse o Criador a Adão, antes de expulsá-lo do Jardim do Éden. Desde então, o homem, com perseverança e constância continua insistindo em “retornar” ao paraíso

Os fiéis seguidores de algumas religiões crêem que após o sofrimento vivido na Terra alcançarão o reino dos céus. Os princípios e os desejos de chegada a um mundo fabuloso não se restringem aos adeptos de filosofias monoteístas como cristãos e muçulmanos. Agnósticos e crentes, e ainda povos de sociedades tribais almejam ancorar no paraíso ou viver a “boa vida”

¹⁷ Tuan citando Palmer p 5

¹⁸ Santos Jair Ferreira dos 1988 e Harvey 1988

¹⁹ Peltó 1984 p 30 33

²⁰ Mello 1991 p 200

Antes do "Descobrimento do Brasil", em 1500, os povos do mundo Tupi-Guarani - instruídos pelos karai, profetas-filósofos, que se diziam filhos de uma mulher com uma divindade - formaram intensas correntes migratórias em direção ao leste, ao encontro da "terra sem mal" Embora a barreira oceânica frustrasse o sonho de atingir o que poderia ser traduzido para a cultura ocidental como um espécie de "shangri-lá", os índios continuaram a acalentar os delírios de aportar na morada dos deuses, onde o milho cresce sem qualquer trabalho e o sol brilha intensamente²¹

Os sonhos e os devaneios aliviam as dores e conduzem os indivíduos a lugares encantados. Os meios de comunicação e as artes também colocam (indiretamente), ao alcance das multidões, paraísos naturais como as ilhas dos Mares do Sul ou do Caribe e aqueles trabalhados pela mão do homem. Mas, com exceção de seus próprios habitantes, alguns desses lugares só podem ser visitados por turistas aquinhoados.

Os paraísos naturais conservam sua magia diante da luz solar. As noites enluaradas também exercem um grande fascínio. Contudo, a maioria das pessoas prefere não se aventurar nas praias, montanhas ou bosques junto aos mistérios da noite.

As tentativas de "reproduções" paradisíacas são acompanhadas de percalços e muito trabalho, por um lado, e fantasias ou ansiedades, por outro, que impedem o pleno gozo da "boa vida". No bojo da reorganização do espaço várias obras construídas - de acordo com os empreendedores das políticas públicas para minorar o sofrimento do povo e trazer o "progresso" ensejam conflitos e, depois de prontas, continuam a ser rejeitadas, por outros motivos. Os claustrofobos se recusam a "cortar caminho" atravessando os túneis cavados na base dos morros ou a viajar de metrô "debaixo da terra", no que são acompanhados pelas pessoas temerosas de algum tipo de desabamento. Os "paraísos utópicos" como os *shopping centers* são desprezados, por alguns, exatamente porque, imunes à ação do clima exterior, mudam o ritmo da vida tradicional e impedem o "bater pernas" nas calçadas e o acompanhamento das coisas simples do mundo vivido.

O que é o paraíso? Onde está localizado? As opiniões são múltiplas e divergentes. Cada ser humano tem uma concepção sobre o "shangri-lá", o lugar das delícias. Todavia, se há um traço comum entre a humanidade é o da travessia do

portal do paraíso para viver a "boa vida" (nesta ou em outra dimensão). A busca continua.

Bibliografia

- ABREU, Maurício de Almeida *Evolução urbana do Rio de Janeiro* Rio de Janeiro: IPLAN/Zahar, 1987 147 p
- BUTTNER, Anne *Erewhon or Nowhere land* In: GALE, Stephen; OLSSON, Gunnar, eds *Philosophy in Geography* Dordrecht: D Reidel Publishing, 1979 p 9 37
- Apreendendo o dinamismo do mundo vivido In: CHRISTOFOLETTI, Antonio, ed *Perspectivas da Geografia* São Paulo: Difel, 1985 a p 165 193
- CLASTRES, Pierre *A arqueologia da violência* Brasileiraense, 1983
- CORRÊA, Roberto Lobato *Região e organização espacial* São Paulo: Ática, 1986 93 p
- *O espaço urbano* São Paulo: Ática, 1989 94 p
- DUARTE, Aluizio Capdeville et al *A área central do Rio de Janeiro* Rio de Janeiro: IBGE, 1967 158 p
- FOLCH SERRA, Mireya *Geography and post-modernism: linking humanism and development studies* *The Canadian Geographer*, 33: 66-75, 1989
- HARVEY, David *The Condition of Postmodernity: An Inquiry into the Origins of Cultural Change* Oxford: Basil Blackwell, 1990
- LEY, David *Rediscovering man's place* *Transactions Institute of British Geographers* New Series 7: 248 253, 1982
- MELLO, João Baptista Ferreira de *Geografia humana: A perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo* *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, 52 (4) 91 115, out/dez, 1990
- *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística* Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1991 301 p
- NUNES, Guida *Catumbi, rebelião de um povo traído do Petrópolis*: Vozes, 1978 196 p
- OLIVEIRA, Lúcia de *Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas* Estado da Bahia Rio de Janeiro: IBGE (inédito)
- PELTO, Pertti J *Iniciação ao estudo da antropologia* Zahar, 1984 144 p
- POCOCK, Douglas C *D Place and the novelist* *Transactions of the Institute of British Geographers*, New Series 6, p 337-347 1981
- RELPH, Edward C *Place and placelessness* London: Pion, 1976 156 p
- *As bases fenomenológicas da geografia* *Geografia*, 4 (7): 1 25, 1979

²¹ Clastres 1988 p 85 101

- ____ Phenomenology In: HARVEY, Milton E ; HOLLY Brian P , eds *Themes in Geographic Thought* New York: St Martin's Press, 1981 p 99 114
- RIOTUR O Rio de Janeiro e suas Praças Prefeitura do Rio de Janeiro, 1988
- ROCHA, Oswaldo Porto *A era das demolições cida de do Rio de Janeiro 1870/1920* Biblioteca Ca rioca, Rio de Janeiro, 1986 120 p
- ROSE, Courtice Human geography as text interpretation In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David eds *The human experience of space and place* New York: St Martin's Press, 1980 p 123 134
- SANTOS, Carlos Nélon Ferreira dos *Enredos e cidades uma história antiga e uns ensinamentos recentes* In: II ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE PROJETO ARQUITETÔNICO Porto Alegre: FAU/UFRS, 15 p (mimeo)
- SANTOS, Jair Ferreira dos *O que é pós moderno* São Paulo: Brasiliense, 1988 p 111
- SANTOS, Milton *Metamorfoses do espaço habitado* São Paulo: Hucitec, 1988 124 p
- SEAMON, David Body subject, time space routines, and place ballets In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David, eds *The Human Experience of Space and Place* New York: St Martin's Press, 1980, a p 148 165
- TUAN, Yi Fu Sacred Space: explorations of an idea In: BUTZER, Karls W , ed *Dimension of human geography* University of Chicago, 1978 p 84 100
- ____ *Landscape of fear* New York: Pantheon Books, 1979 263 p
- ____ *Topofilia* São Paulo: Difel, 1980 228 p
- ____ *Espaço e lugar* São Paulo: Difel, 1983 250 p
- ____ Geografia humanística In: Christofolletti, Antonio, ed *Perspectivas da geografia* São Paulo: Difel, 1985, p 143 164
- ____ *The good life* Madison: The University of Wisconsin Press, 1986 191 p
- ____ *Morality and imagination paradoxes of progress* Madison: The University of Wisconsin Press, 1989 209 p